



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**REVISTAS ERÓTICAS E PORNOGRÁFICAS NA DITADURA
MILITAR: A AFIRMAÇÃO DAS IDENTIDADES DO HOMEM
MODERNO**

Anderson Francisco Ribeiro*

“Interpretaram mal a abertura. É preciso abrir sem arregarhar!”¹.

De forma geral, podemos perceber que o sexo se tornou intensamente discutido, proibido, rearticulado e ressignificado durante toda a época da ditadura militar. A frase acima foi proferida pela escritora de livros eróticos, Cassandra Rios², em um momento de abertura política e, ao mesmo tempo, de chegada de livros, filmes e revistas pornográficas *hardcore*, o que parece um tanto problemático, polissêmico e irônico.

Como fazer tal afirmação uma escritora de livros eróticos, com obras proibidas pela ditadura? Essa confusão foi gerada pela chamada “revolução sexual”, juntamente

* Professor colaborador da Universidade Estadual do Norte do Paraná. Doutorando em História pela UNESP (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho), Campus de Assis-SP. E-mail: andersonkingao@gmail.com

¹ PRIORE, Mary Del. *Histórias Intimas*. Sexualidade e erotismo na História do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

² No Brasil as escritoras de livros eróticos fizeram grande sucesso, como Cassandra Rios que lançou seu primeiro romance, *A volúpia do pecado*, em 1948; Cassandra teve quase 40 títulos vetados pela ditadura. Cassandra chegou a vender mais de 300 mil livros por ano. CALDAS, Waldenyr. *Literatura da cultura de massa*. São Paulo: Musa Ed., 2000. p. 189

com a “nova imoralidade” estrangeira que fizeram entrar em choque modernidade e tradição, o que torna suas aproximações cada vez mais difíceis³.

É possível perceber que a intensa disseminação de discursos sobre o sexo aconteceu de forma rápida e foi discutida em toda a rede social. Isso se dá principalmente em revistas e jornais que, através de seu fácil acesso, a pequenos preços, estampam em suas capas editoriais e cartas de leitores, publicações de entrevistas, propagandas, dados econômicos, discursos políticos, com o intuito de esclarecer para o público seu ponto de vista sobre como a mulher, o homem, o sexo e suas relações devem ser.

É neste momento que começam discussões sobre os problemas causados pelas pequenas revistinhas de Carlos Zéfiro (década de 50 a 80), os catecismos, assim como os quadrinhos (HQs), e as revistas erótico-pornográficas. Além delas, revistas específicas, voltadas ao público masculino, como: a revista *Fairplay* (1966), *Ele Ela* (1969), *Status* (1974), *Lui* (1974), até o aparecimento da revista *Homem* (1975), futura revista *Playboy* (1978). Nesse permeio apareceram algumas editoras como a Edrel (1966-1975), em São Paulo-SP, e a Grafipar (1977-1984), em Curitiba-PR, que reuniram diversos artistas, desenhistas e roteiristas que misturaram às revistas em quadrinhos (HQs) altas doses de terror, erotismo e ficção científica, o que solidifica no Brasil a discussão sobre o sexo.

Aos poucos, a cultura brasileira foi invadida pela pornografia através de revistas de variedades, comerciais de TV, cinema, artes, bem como do teatro.⁴ Diante disso, nosso objetivo é desnudar esses discursos proferidos e mostrar que a definição de pornográfico era uma constante luta de afirmações do “sexo verdadeiro”, ligadas ao público masculino, como se vê no primeiro número da revista *Homem* de 1975: “Uma Nova Revista. Um país novo. Um novo homem. [...] Nada disso quer dizer que a Revista Homem seja proibida às mulheres. Mas, elas que nos perdoem – desta vez a revista é sua, homem brasileiro”⁵, assina o editor Victor Civita.

Esse novo homem a que se refere está situado em uma sociedade que passa por uma ditadura militar e que, com a sua gradativa abertura, expõe a pornografia *hardcore*

³ ORTIZ, Renato. A moderna tradição brasileira. São Paulo, Editora brasiliense, 1988

⁴ Por pornografia entendemos como: “um conjunto diversificado de práticas semióticas restritas, inscrita na história, com uma finalidade social, distribuídas em tipos e gêneros associados a determinados suportes e a determinados modos de circulação.” MAINGUENEAU, Dominique. O discurso pornográfico. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

⁵ Revista Homem. 1975. Nº 1 p.3

(mais explícita) vinda de outros países através filmes, que se tornam cada vez mais pornográficos, de cartazes que estampam mulheres sensuais, ou ainda de anúncios que sobrepujam a pornografia *softcore* (mais velada, erótica) permitida pela ditadura. Cria-se nesse momento uma confusão, uma nova rede de discursos pseudocientíficos e científicos sobre o sexo e o papel do homem moderno nesse processo, no qual se definiria quem ele é e como deveria ser, numa intensa luta para afirmar sua masculinidade e sua identidade cultural.

Devido a essa análise, temos a necessidade de desconfiar da pretensa nitidez do significado da pornografia. Trata-se aqui de arrancar os discursos de seu lugar e colocá-los em evidência, reconhecer que há diversas discussões, conflitos, afirmações, coerências e barganhas para, assim, perceber que ela não é aquilo que parece ser. Esse problema pode ser situado entre os jornais e as revistas do período, pois demonstram que o processo de abertura política andou lado a lado na tentativa de definir o erótico como aceitável e o pornográfico como não-aceitável.

Esse processo histórico está ligado à trama da história através das diversas definições esparsas e confusas sobre a sexualidade do brasileiro. Erótico, pornográfico, obsceno, sensual, subversivo, erótico-pornográfico, pornográfico-erótico, sexo e amor, sexo pelo sexo, amor, masoquismo, sadomasoquismo, tais definições se transformaram em uma catalogação das perversões dos brasileiros. A título de exemplo, em 1970 Cassandra Rios deu uma entrevista para a revista *Realidade*, na qual ela responde a seguinte pergunta: [Realidade] - “Por que você acha que seus livros não são pornográficos? [Cassandra] - Pornografia é intenção deliberada de chocar, é corrupção, é prostituição impressa, é sexo pelo sexo. Nos meus livros, o sexo só acontece em função do amor, para realizá-lo plenamente e sem preconceitos.”⁶ Aqui, sexo e amor seriam coisas distintas: o sexo ligado à pornografia e o amor ao erotismo.

Discursos afetados pelo processo de consolidação da pornografia no Brasil, juntamente às constantes transformações tecnológicas e de estimulação visual através dos cartazes, da televisão, dos jornais com fotos, das revistas ilustradas que começaram a aparecer na primeira metade do século XX e se expandem na segunda metade com a publicação de diversas revistas voltadas ao público masculino, e que não se restringia aos

⁶ Revista Realidade. Uma publicação da Editora Abril. Março de 1970. P.126. Na capa aparece a chamada: “Você já leu Cassandra.”

homens. Homossexuais, mulheres, senhores, jovens de todas as idades, estudantes do colegial consumiam a pornografia.⁷ Com a consulta das fontes, desde jornais às revistas, percebe-se que o ataque à invasão pornográfica é, também, uma preocupação constante. Artigos constantes nesses periódicos começam a criticar as publicações erótico-pornográficas que ameaçam, assim, a modernização conservadora da ditadura militar.

Na tentativa de homogeneização da masculinidade, o homem aparece nas revistas erótico-pornográficas como peça fundamental na criação de uma identidade nacional, transformado em consumidor, um modelo a ser seguido pelos seus leitores, o que acaba por justificar a utilização do estudo da genealogia foucaultiana que deixa a nu tais discursos:

A história, genealógicamente dirigida, não tem por fim reencontrar as raízes de nossa identidade, mas ao contrário, se obstinar em dissipá-la; ela não pretende demarcar o território único de onde nós viemos, essa primeira pátria à qual os metafísicos prometem que nós retornaremos; ela pretende fazer todas as descontinuidades que nos atravessam.⁸

Se quisermos entender essa visão da identidade fragmentada, as revistas erótico-pornográficas podem nos mostrar os diversos papéis definidos para o homem. Ele é visto como viril, centro das histórias que o tomam como o herói, conhecedor da psique feminina nas revistas de Carlos Zéfiro, ou aquele que é playboy na revista *Homem*, que é um ser distinto, e com uma formação cultural diversificada ou um viciado em sexo nas revistas em quadrinhos das editoras Edrel e Grafipar. É conhecedor das coisas boas da vida: as bebidas, as mulheres, os carros, os cigarros e as músicas.

Esse leque de representações masculinas traz, através das revistas, importantes informações sobre o agir, o ver e o sentir, e passa a criar materialidades para os discursos proferidos. O cotidiano, permeado de ruídos do corpo que só eram escutados à noite e entre quatro paredes, teve expostos segredos por trás das portas com as revistas erótico-pornográficas, criando *voyeristas* por meio da observação dos buracos das fechaduras:

[...] “Existem” em toda a parte essas ressonâncias de corpo tocado, como “gemidos” e ruídos de amor, gritos que vão se quebrando o texto que farão proliferar em torno de si, lapsos enunciativos em uma organização sintagmática de enunciados. São os análogos linguísticos

⁷ Diversos jornais mostram uma preocupação da Polícia Federal, e a caça da pornografia em todo território nacional, assim como diretores e professores que confiscavam as revistinhas de sacanagem dos alunos.

⁸ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Paz e Terra, 2006. p. 34-35.

da ereção, ou de dores sem nomes, ou das lágrimas: vozes sem língua, enunciações que fluem do corpo que se lembra, opaco, quando não dispõe mais do espaço oferecido pela voz do outro ao dizer amoroso ou endividado. Gritos e lágrimas: afásica enunciação daquilo que sobrevém sem que se saiba de onde (de que obscura dívida ou escritura do corpo), sem que se saiba como, sem a voz do outro, se poderia dizer isto.⁹

Essas vozes produzem enunciados e efeitos, como aponta Michel de Certeau, e fazem parte daquilo que determinamos como cotidiano. Desvendar palavras escondidas, gestos esquecidos, práticas veladas, pode nos mostrar áreas ainda desconhecidas das identidades do homem e da mulher.

Com o crescimento da importância do sexo na vida das pessoas, em grande parte causada pelo processo de mudanças sociais visíveis e através dos estudos sobre a sexualidade, produzidas por Michel Foucault, as pesquisas quantitativas se tornaram comuns para produzir material científico e pseudocientífico sobre o sexo. É aquilo que o autor chama de *scientia sexualis*¹⁰.

A partir dessa visão de Foucault, visualizaremos o processo de modernização em outros países que já questionavam os limites da sexualidade, como o “sexo livre” no movimento hippie, a sensualidade da dança e das vestimentas no rock n’roll, a pílula anticoncepcional e a possibilidade do sexo sem a preocupação com a gravidez.

Incongruentes com o projeto de valorização da família tradicional e a importância da política conservadora, a produção pornográfica fez uma marca indelével na identidade brasileira. Identidade essa que se torna uma linha a ser dissipada, não uníssona, da qual a pornografia não é somente sua definidora, mas também sua linha de incongruências. A partir do momento em que esses discursos começam a se tornar confusos, suas significações criam ordenações como leis para fiscalização, controle e consequentemente punição, que aparecem para controlar tanto a palavra quanto as imagens, o que faz o discurso da sexualidade emergir em meio a esse processo.¹¹

⁹ CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Petrópolis, RJ : Vozes, 1994 P.258

¹⁰ *Scientia sexualis* é a definição que Foucault no primeiro volume da História da Sexualidade: A vontade de saber. "Há uma oposição cultural entre o pensamento ocidental sobre o sexo que trata de controlá-lo sob a chancela de "ciência sexual" e o pensamento oriental ("arte erótica") que o encara como mistério e passível de aprendizagem e iniciação". FOUCAULT, Michel. A História da sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

¹¹ “Quanto às formas diretas de ação cultural, o regime combinou uma política cultural repressiva e, sobretudo nos anos 1970, uma política cultural proativa. O tripé repressivo do regime era formado pela

É a pornografia que colocaria em ordem toda essa diversidade heterogênea de discursos sexuais. Para isso, nossa tentativa nas páginas a seguir é a de buscar na pornografia uma verdade que é ocultada pela sociedade e pelo governo:

[...] se demorar nas meticulosidades e nos acasos dos começos; prestar uma atenção escrupulosa à sua derrisória maldade; esperar vê-los surgir, máscaras enfim retiradas, com o rosto do outro; não ter pudor de ir procurá-las lá onde elas estão, escavando os *bas-fond*; deixar-lhes tempo de elevar-se do labirinto onde nenhuma verdade as manteve jamais sob sua guarda.¹²

Fazer o trabalho genealógico requer um estudo aprofundado, que traga à tona discussões, impasses, formas de resistências sobre o discurso pornográfico. Podemos observar que quando se analisa o papel da ditadura, as pesquisas tendem a enfatizar sua força através do estudo da censura, das Instituições, do exército, da função pública e da burocracia, dos tipos de pessoas a que se dirigem, ou ainda teorias ou ideologias elaboradas para justificar ou legitimar o papel do Estado. Mas a identidade nacional não pode ser analisada unicamente pela viés do Estado.

As instituições que devem classificar algumas produções como “pornográficas” têm objetivos diversos. O aparelho judiciário apoia-se em critérios – necessariamente imperfeitos – que lhe permitem controlar a produção e a circulação de textos e de imagens; havemos de notar que a literatura pornográfica é atualmente muito menos controlada do que os filmes.¹³

Os meios de comunicação se tornam um capítulo à parte, e por essa razão, como não haveria espaço para a análise, nos limitamos apenas às revistas de maior circulação, e que atingiu um grande público, como no caso da conhecida revista Playboy, já que para o estudo do cinema e da TV como meio de produções de discursos muito efetivo, deveria ser analisado com mais cuidado e utilizando outras formas de análises. Lembrando que a pornografia, sendo considerada subversiva para diversos setores da sociedade, seja

combinação de produção de informações, vigilância-repressão policial a cargo das Delegacias de Ordem Política e Social (Dops), das inteligências militares e do sistema Codi/DOI (Centro de Operações de Defesa Interna – Destacamento de Operações e Informações) e censura, a cargo da Divisão e Serviços de Censura às Diversões Públicas do Departamento de Polícia Federal (DPF/DCDP) e do Gabinete do Ministério da Justiça, especificamente no caso do controle da imprensa. As três pontas atuaram sobre a área cultural, produzindo suspeitas e impondo silêncio sobre certos temas e abordagens. Houve, ao menos, três momentos repressivos sobre a área cultural.” NAPOLITANO, Marcos. 1964: História do Regime Militar Brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014 p.139

¹² FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. São Paulo: Paz e Terra, 2006. P.19

¹³ MAINGUENEAU, Dominique. O discurso pornográfico. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. P.14

através de suas aspirações, de seus desejos, ou de suas necessidades, acabam por não aparecer nos estudos historiográficos a não ser recentemente, com a influência teórico-metodológica de matriz foucaultiana.¹⁴

Preocupados em recuperar as diversas clivagens dos discursos do período, a crítica à uma identidade nacional é objeto de estudos pelas Ciências Humanas, englobando aspectos literários, musicais, cinematográficos, educacionais e agora, também, pornográficos.¹⁵ Esta identidade é formada por diversos elementos, às vezes conflitantes entre projeto e fato, entre discurso e prática, e acreditamos que discutir a afirmação de uma identidade nacional ou defini-la como um termo plural (Identidades) seria algo fundamental:

[...] a identidade é uma ilusão (“ilusão totêmica”, no dizer brilhante de Lévi-Strauss), mas essa “ilusão” tem uma natureza que cabe ser estudada. **É um conjugado de classificações recorrentes, um mosaico de afirmações e negociações**, um sistema de categorias que se entrelaçam numa geometria arbitrária e é também um discurso, um grito, um canto alegre ou triste que nos permite o autoconsolo, auto-exaltação ou, como é muito comum na experiência brasileira, o autoflagelo. Os discursos implicam formas que ressaltam, inibem ou invertem seus conteúdos explícitos e implicam também públicos.[...]¹⁶

Essas afirmações sobre a identidade está situada em um “mosaico de afirmações e negociações” não só com a produção nacional, mas também a nível internacional. Como podemos perceber, a pornografia hoje faz parte do cotidiano da sociedade brasileira, situada em todas as esferas tanto da vida pública quanto da vida privada. São bilhões de vendas que vão de artigos sensuais, passando pelas revistas e vídeos pornográficos que

¹⁴ Entre as dissertações e teses que levantamos sobre a pornografia e que dão visibilidade para esse tipo de material é escassa, e começaram a aparecer com as pesquisas ligadas principalmente ao papel da censura. Cf. ABREU, Nuno César Pereira de. Boca do lixo: cinema e classes populares. Campinas-SP, 2002 (Tese de doutorado) UNICAMP.; PEREIRA, Cristiana Schettini. Um gênero alegre: Imprensa e pornografia no Rio de Janeiro (1898-1916). Campinas-SP, 1997(Dissertação) UNICAMP; Díaz Benítez, María Elvira. Nas redes do sexo: Bastidores e cenários do pornô brasileiro/ María Elvira Díaz Benítez. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 2009.; PIRES, André. Velhos em Revista: envelhecimento e velhice nas páginas de Cláudia e Playboy(80 e 90). Campinas – Sp, 1998 Dissertação, UNICAMP; Marcelino, Douglas Attila. Salvando a pátria da pornografia e da subversão: a censura de livros e diversões públicas nos anos 1970/ Douglas Attila Marcelino. Rio de Janeiro: UFRJ/ PPGHIS, 2006.

¹⁵ Recentemente Cf. RODRIGUES, Cristina Carneiro.; LUCA, Tania Regina.; GUIMARÃES, Valéria.(Org.) Identidades brasileiras: composições e recomposições. 1. Ed. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014 (Desafios contemporâneos)

¹⁶ DaMATTA, Roberto. Explorações. Ensaios de Sociologia Interpretativa. Editora Rocco, Rio de Janeiro – RJ, 1986. P.18

aumentam a cada ano com a expansão da venda e criação de novas formas de adquirir os produtos pornográficos, além de propagandas na televisão, cinema e internet.¹⁷

Podemos destacar que na pornografia o público masculino é visto e definido, listado e normalizado através de opiniões, pesquisas, imagens e modelos, que o definem na tentativa de estabelecer uma categoria de virilidade, dando voz à uma definição de masculinidade hegemônica. A hegemonia como tal, em um discurso sobre o “verdadeiro homem”, tornou-se o seu principal modelo, o indivíduo macho, fazendo oposição ao termo feminilidade. Apesar das tentativas de ainda se estabelecer, o conceito já foi contestado, como podemos ver através de estudos feministas e de contestações através da teoria *queer*.¹⁸

A masculinidade, portanto, define qualidades ou características consideradas típicas ou necessárias a um homem. O termo pode ser usado para descrever qualquer humano, animal ou objeto que tenha a qualidade de ser masculino. Como exemplo temos a obra de Zéfiro, *Vida, Paixão e Morte de um Sofá*¹⁹, que narra a história de um sofá qualificado com características masculinas: “Quanta bunda boa sentou na minha mola máscula”. A narrativa o situa em uma série de relações sexuais, com sequência de lugares em que ele é transportado e seus novos donos fazem com que ele participe das orgias, seja com prostitutas ou moças virgens, médicos e clientes, tios e sobrinhas, empregadas, irmãos e irmãs.

Em nossa cultura, assim como em muitas outras, as características básicas da masculinidade incluem capacidades físicas (força), coragem, maestria, honra e liderança, o que não abre espaço para quem se expressa de forma diferente, este que é definido como “afeminado” e, portanto, não é considerado homem.²⁰

¹⁷ O mercado da internet está criando novas ferramentas de compra e venda da pornografia. O site www.mercadolibre.com.br é muito interessante neste aspecto. Várias fontes (revistas) citadas no texto foram adquiridas neste site.

¹⁸ CONNELL, Robert W. MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Estudos Feministas. Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril, 2013

¹⁹ ZÉFIRO, Carlos. *Vida, Paixão e Morte de um Sofá*. s/d

²⁰ CORBIN, A.; VIGARELLO, G.; COURTINE, J.J. (Org.). História da Virilidade. São Paulo: Editora Vozes, 2013. Dividido em três volumes, História da Virilidade busca retrair um período esquecido da história. Os livros tratam de virilidade e não de masculinidade, pois segundo os autores, quando se quer fazer a história de estruturas de origem arcaica, definidas pela desigualdade, somente há uma palavra, na nossa língua, que convém, “virilidade”. A virilidade, nessa linha de entendimento, é uma construção simbólica inserida em redes de poder e resistências. Possui uma história física, estética, política, ideal e material, que se transforma nos tempos e nos espaços.

Com isso, o conceito acabou por criar divisões entre o masculino e feminino, divisões estas que ainda permanecem e que nas análises, no objetivo e nos projetos das revistas, mostram que as revistas eróticas eram lidas e consumidas por gays, lésbicas, adolescentes e mulheres que discutiam através das seções *cartas aos leitores* a definição do pornográfico. Assim, ao contrário do que afirma-se, a revista não era voltada ao público masculino e sim voltada ao público em geral. Segundo a antropóloga Maria José Silveira, apesar do universo das revistinhas de sacanagem ser voltado ao sexo masculino, há algumas mulheres que tiveram esse acesso: “Se, nos dourados anos 50, a menina teve um irmão mais velho ou uma amiga com irmão mais velho, é possível que ela tenha tido também o privilégio de conhecer, ainda que fugazmente, as famosas revistinhas de Carlos Zéfiro e seus alunos”.²¹

E foi a partir de Foucault, em seu estudo sobre os micro poderes, em que explora os mecanismos que transformam pessoas em sujeitos, que individualiza-o, onde o corpo se torna peça fundamental no mecanismo de controle social. Sob sua ótica, esse tipo de poder, minuciosamente explicado em *Vigiar e Punir*²², que categoriza o indivíduo, marca-o com sua própria individualidade, fixa-o a uma identidade própria, impõe-lhe uma lei de verdade que deve ser reconhecida e que os outros precisam nele reconhecer. É uma forma de poder, portanto, que ao tempo em que faz dos indivíduos sujeitos, avança nos corpos e se encontra exposto no próprio corpo. A necessidade de ver as “variações” de como foi tratado o sexo na História, seja através dos prazeres na Antiguidade, da Carne no período medieval e, por fim, a sexualidade entre os modernos, a problemática se apresenta novamente e está interligada ao processo de afirmação das identidades:

Será que precisamos verdadeiramente de um verdadeiro sexo? Com uma constância que beira a teimosia, as sociedades de Ocidente moderno responderam afirmativamente. Fizeram circular obstinadamente essa questão do “verdadeiro sexo” numa ordem de coisas em que se podia pensar que apenas a realidade do corpos e a intensidade dos prazeres contam.²³

²¹ SILVEIRA, Maria José. O tamanho do pecado. In: MARINHO, Joaquim. (Org.) Os alunos sacanas de Carlos Zéfiro. Editora Marco Zero: São Paulo, SP, 1986 p.13

²² FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. História da violência nas prisões. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 1997(b).

²³ FOUCAULT, Michel. Ditos e escritos V. Ética, sexualidade, política. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010(c). p. 82

Essa relação entre identidade e o “verdadeiro sexo” são importantes para a definição de limites do que é possível em matéria de sexo. A partir dessas considerações, observamos que as revistas erótico-pornográficas já haviam se instaurado em vários países como EUA, Inglaterra, Suécia, Holanda, Japão e México. Na sociedade ocidental, esse projeto global já se iniciara na década de 60, naquilo que ficou conhecida como *Guerras Públicas*, uma guerra editorial das revistas *Playboy* (EUA) e *Penthouse* (Inglaterra) em torno das publicações consideradas eróticas ou pornográficas, e depois em torno dos almanaques de piadas e o problema dos quadrinhos eróticos, tudo isso a testar os limites do conceito de pornografia, que define o que poderia ser dito ou publicado sobre o sexo e a sexualidade no ocidente, o papel do homem, da mulher, e os novos padrões de consumo.

Essas revistas se tornaram um importante agente para a implementação de um discurso sobre a sexualidade, sobre o sexo e a afirmação de uma identidade nacional. E a partir delas percebemos uma preocupação com a normalização dos discursos do sexo, que classifica e separa o normal e o patológico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Nuno César Pereira de. *Boca do lixo: cinema e classes populares*. Campinas-SP, (Tese de doutorado) UNICAMP. 2002
- ATTILA, Marcelino, Douglas. *Salvando a pátria da pornografia e da subversão: a censura de livros e diversões públicas nos anos 1970/ Douglas Attila Marcelino*. Rio de Janeiro: UFRJ/ PPGHIS, 2006.
- CALDAS, Waldenyr. *Literatura da cultura de massa*. São Paulo: Musa Ed., 2000.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, RJ : Vozes, 1994
- CONNELL, Robert W. MESSERSCHMIDT, James W. *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*. Estudos Feministas. Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril, 2013
- CORBIN, A.; VIGARELLO, G.; COURTINE, J.J. (Org.). *História da Virilidade*. São Paulo: Editora Vozes, 2013.
- DaMATTA, Roberto. *Explorações*. Ensaios de Sociologia Interpretativa. Editora Rocco, Rio de Janeiro – RJ, 1986.

DIAZ BENITEZ, María Elvira. *Nas redes do sexo: Bastidores e cenários do pornô brasileiro*/ María Elvira Díaz Benítez. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 2009

FOUCAULT, Michel. *A História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. História da violência nas prisões. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 1997

MAINGUENEAU, Dominique. *O discurso pornográfico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NAPOLITANO, Marcos. *1964: História do Regime Militar Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo, Editora brasiliense, 1988

PEREIRA, Cristiana Schettini. *Um gênero alegre: Imprensa e pornografia no Rio de Janeiro (1898-1916)*. Campinas-SP, (Dissertação) UNICAMP, 1997

PIRES, André. *Velhos em Revista: envelhecimento e velhice nas páginas de Cláudia e Playboy (80 e 90)*. Campinas – Sp, Dissertação, UNICAMP, 1998

PRIORE, Mary Del. *Histórias Intimas*. Sexualidade e erotismo na História do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

Revista *Homem*. Editora Abril, 1975. Nº 1

Revista *Realidade*. Uma publicação da Editora Abril. Março de 1970

RODRIGUES, Cristina Carneiro.; LUCA, Tania Regina.; GUIMARÃES, Valéria.(Org.) *Identities brasileiras: composições e recomposições*. 1. Ed. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014 (Desafios contemporâneos)

SILVEIRA, Maria José. O tamanho do pecado. In: MARINHO. Joaquim. (Org.) *Os alunos sacanas de Carlos Zéfiro*. Editora Marco Zero: São Paulo, SP, 1986

ZÉFIRO, Carlos. *Vida, Paixão e Morte de um Sofá*. s/d